

***CULTURA E CIDADE Modos de Vida e Relações de Trabalho de Cortadores-de-Cana em General Salgado, SP (1980-2008)***

*Eber Mariano Teixeira<sup>1</sup>*

**Resumo:** Nesta comunicação busco apresentar e refletir sobre as experiências e práticas sociais de trabalhadores cortadores-de-cana na cidade de General Salgado. Investigando os sentidos e os significados da transformação histórica; busco tornar visíveis dimensões das problemáticas vividas por esses trabalhadores; expressos nas formas próprias de viver, agir, interpretar, nas relações de trabalho, nos modos de morar, de sociabilizar, ao qual constituem e impregnam pela/ e na cultura urbana. A partir das narrativas orais dos trabalhadores interessa-me compreender também, que significados atribuem ao ato de migrar, quando estes decidiram vivenciar o processo de deslocamento campo/cidade. A vinda desses trabalhadores para General Salgado representou novas situações/tensões; ao qual é possível visualizar na própria cidade e na imprensa local - regional que lidam com essas questões que se instituem/constituem no viver urbano. A partir dessas problemáticas postas no presente é que começamos a refletir sobre a presença significativa dos trabalhadores cortadores-de-cana na cidade de General Salgado, disputando lugar e firmando presença na cidade.

**Palavras-chave:** campo, cidade, culturas de trabalhadores cortadores-de-cana

**Abstract:** In this communication provide search and reflect on the experiences and practices of social workers-of-cane cutters in the city of General Salgado. Investigating the meanings and the meanings of historical transformation, seek to reveal the dimensions of the problems experienced by these workers, expressed in their own ways to live, act, interpret, in labor relations in ways of living of socialize, which constitute and permeate by / and the urban culture. From the oral narratives of workers interested me also understand that meanings attributed to the act of migrating, when they decided to experience the process of displacement field / city. The coming of such workers for General Salgado represented new situations / stress, which you can view in the city and the local press - regional dealing with those issues that are up / are in urban living. From these issues put on this is that we start to reflect on the significant presence of workers-from-cane cutters in the city of General Salgado, disputing place and signing presence in the city.

**Keywords:** country, city, culture workers-in-cane cutters

---

<sup>1</sup> Mestrando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Email: [ebermt@yahoo.com.br](mailto:ebermt@yahoo.com.br). Bolsista Capes.

Na busca de problematizar a história de uma cidade tecida a partir das narrativas dos trabalhadores cortadores-de-cana na cidade de General Salgado<sup>2</sup>, localizada no interior da região Noroeste do Estado de São Paulo, visamos compreender os processos de relações sociais que apontam para uma memória que não se pretende uma, mas produzida na co-relação de forças com os diversos sujeitos que habitam á cidade e que traz pluralidades e antagonismos; - amálgama de memórias possíveis de serem compreendidas no fazer-se destes trabalhadores no cotidiano.

Ao construir este diálogo com os trabalhadores a partir da metodologia da História Oral, algumas questões constituem-se num canal significativo de trocas, que possibilita apreendermos as maneiras como as experiências sociais e as memórias são construídas e reconstruídas, como parte de uma consciência contemporânea ao qual se cruzam discussões sobre a cultura, o trabalho, a experiência, a memória, a cidade e o campo, e nessa perspectiva vamos “tentando aprender um pouquinho” (PORTELLI, 1997 ) nas narrativas, o trabalho de recompor, de forma singular, trajetórias vivenciadas em um espaço produzido social e historicamente na multiplicidade de sujeitos e experiências que o constituem e, por isso mesmo, um espaço em constante processo de disputa.

A expansão da monocultura da cana de açúcar e da produção do álcool pelas agroindústrias canavieiras na região vem se consolidando desde a década de 1980. Se em outras regiões do Estado de São Paulo <sup>3</sup> essa expansão já é uma realidade, aqui na região vem tendo um crescimento vertiginoso nos últimos anos.

A idéia de progresso construída a partir da Usina de álcool instituiu algumas normatizações no viver urbano e nossas implicações voltam-se para compreender as disputas e lutas que marcam a produção social da memória, bem como aos lugares privilegiados para a construção de sentidos para e no presente – dos quais a imprensa desempenha papel central – e às práticas de memorização do acontecer social.

A matéria publicada no dia 7 de abril de 2002, pelo jornal Diário da Região, entrevistou a socióloga Laura Maria Regina Tetti, especialista em meio ambiente. Na conjuntura da reestruturação produtiva do setor das agroindústrias canavieiras a implantação da mecanização vem suscitando muitos debates que vão além das questões econômicas. Esses

---

<sup>2</sup> A cidade de General Salgado foi emancipada em 1944, cujo nome foi homenagear o General Marcondes Salgado Filho que lutou na Revolução paulista de 1930 no Estado de São Paulo.

<sup>3</sup> A Região de Ribeirão Preto possui uma expansão maior dentro desse complexo Agroindustrial. Já a região Noroeste do Estado de São Paulo, vem sofrendo essas transformações recentemente com a implantação desses complexos em relação a monocultura canavieira.

embates colocam em pauta discussões entre diferentes grupos e projetos na região. Segundo a entrevistada:

*As medidas do governo do Estado proibindo a queima da cana-de-açúcar, o que, a seu ver, induz uma aceleração na mecanização do corte. “A cana é uma atividade onde 95% dos trabalhadores têm registro em carteira. Vão todos para a rua com a mecanização”, prevê Laura Tetti. “Cada máquina que entra numa lavoura, expulsa oitenta trabalhadores”, afirma ela. A socióloga, que dirigiu a Cetesb de 1987 a 92, faz as contas: “Temos 1 milhão de trabalhadores na cultura da cana. Do total da área, 60% é mecanizável, ou seja, 600 mil trabalhadores sem qualificação, analfabetos, perderão o emprego com a colheita mecânica e irão agravar a favelização das cidades”. A conclusão da socióloga é um presságio assustador: “Podem começar a instalar alarmes em casas e carros, contratar seguranças, fazer seguro contra roubos e arrombamentos e comprar coletes a prova de bala. Essa horda de desempregados vai para o salve-se-quem-puder contra qualquer pessoa que tiver algum bem ou alguma comida.”*

A expansão da cultura da cana, no cenário do desenvolvimento na economia agrícola nacional, tem despertado interesse internacional e tem sido até mesmo apresentada como resultado da política econômica do Governo Federal. Este cenário otimista e promissor para o setor canavieiro, de inovações tecnológicas, de avanços nas formas de gerenciamento moderno, de incremento constante da produtividade, possui por outro lado, poucas conotações e políticas sociais voltadas para os trabalhadores.

Nesses embates verifica-se o olhar preconceituoso na narrativa da pesquisadora, à medida que despotencializa a luta cotidiana dos trabalhadores ao situá-los apenas como vítimas do processo da reestruturação produtiva e respectivamente o desemprego como fator único e determinante para o aumento do crime e a favelização das cidades da região. Esta explicação abstrai a experiência vivida pelos trabalhadores vedando suas possibilidades de resistência e de ação ou não, frente a estes processos hegemônicos que tende ocultar memórias e histórias.

A partir dessas problemáticas postas no presente e que se materializa nas páginas dos jornais da cidade e da região noroeste do Estado, é que começamos a refletir sobre a presença significativa dos trabalhadores cortadores-de-cana na cidade de General Salgado, disputando lugar e firmando presença na cidade.

Nessa perspectiva foi preciso levantar algumas questões para compreender a dinâmica que vai se constituindo/instituindo na cidade em movimento: Quem são estes sujeitos trabalhadores? O que pensam? Que visões possuem de suas vivências e que significados lhes atribuem? Que reelaboração fazem ou não de seus valores? O que significa e representa para os trabalhadores ser cortador-de-cana frente a processos mais amplos de reestruturação produtiva e modernização das agroindústrias canavieiras?

Se atentarmos para as proposições assumidas nas formas de trabalho contemporâneo; a idéia e o desafio estão no esforço de compreender como estes trabalhadores se apropriam e usam o passado, no campo complexo das disputas dentro das quais se constituem, pois, na compreensão dos processos sociais de construção de memórias, está presente a tarefa de produzir um inventário das diferenças e perceber as tendências que tencionam a dinâmica social, bem como se vislumbra a relação intrínseca entre história e memória que interagem nas problemáticas sociais sobre as quais nos debruçamos (KHOURY, 2004:132).

Essas narrativas devem ser problematizadas como evidências de um rico processo histórico, no qual os trabalhadores estão quotidianamente fazendo emergir novas representações possíveis do viver, do morar e do trabalhar na cidade de General Salgado. Tal movimento pode ser evidenciado no trabalho da fala que traz, em si, o esforço de significar “ser trabalhador” hoje e ontem, no tempo, na história e na memória.

Dentre estes trabalhadores que vieram em meadas décadas de 1980 para General Salgado está o Sr. Exupero Sabino de Oliveira, 84 anos, natural de Paramirim na Bahia, veio primeiramente para as plantações de lavouras de café e algodão nas fazendas da região e posteriormente para a cidade. Segundo o trabalhador

*Eu já tinha passado na idade de aposentar, eu trabalhei. Quando veio meu tutuzinho lá, eu tava no meio do corte de cana, cortando cana, já tive notícia lá no meio do corte de cana, tinha que vim aqui em Salgado pra arrumar os papel. Seis anos cortando cana quando abriu a Usina, quando já abriu a usina nos primeiro anos, já chegava eu lá, pra corta cana. Cortei muita cana, agora dentro da Usina mesmo eu nunca trabalhei, era só cortando cana (...) “A mulher também cortava cana junto comigo”. [...] Cheguei aqui em Sargado cortei no primeiro ano.*

Viver e trabalhar no campo ou na cidade constitui-se em um exercício de constante luta, por parte daqueles que vieram para a cidade – em busca de melhores condições de vida e trabalho. Assim, a cidade de General Salgado surge como horizonte de possibilidades, e os trabalhadores trazem em suas bagagens desejos, sonhos, esperanças, expectativas e perspectivas de um futuro melhor pra viver.

Nas lembranças do trabalhador as imagens que projeta do seu passado a partir do presente, estão relacionadas aos direitos que foram conquistados por estar na cidade e trabalhando no corte de cana. Pois quando veio a notícia de sua aposentadoria o Sr. Exupero estava morando em General Salgado, e trabalhando como cortador-de-cana na Usina Generalco. A conquista desse direito foi narrada pelo Sr. Exupero com ritmo lento, talvez pretendesse mostrar a importância da conquista com um tom da narrativa pausado, selecionando as memórias que projetassem de uma maneira melhor a experiência do evento. Quando o Sr. Exupero trabalhava no corte de cana, já possuía 66 anos de idade, segundo ele

“já tinha passado a idade de aposentar e continuava trabalhando”. Em meados da década de 1980, quando a Usina começou a funcionar o trabalhador narrou que “trabalhou na primeira safra” e foi uma conquista muito grande ter conseguido sua aposentadoria “aqui na cidade”.

Ao trazer à tona as memórias e as dimensões dos modos de vida e de trabalho, Exupero vai atribuindo os diferentes significados no viver urbano e vamos “identificando as nuances perdidas nos meandros dos enredos construídos pelos entrevistados, reconhecendo, naquilo que nos parece estranho, elementos de suas culturas, com profundos significados nos seus modos diários de ser, de pensar e de fazer”. (KHOURY, 2001:98)

Para o trabalhador cortador-de-cana Nelson Manoel dos Santos, 44 anos, casado, pai de dois filhos, morador do bairro Jardim Santo Antônio, a vinda para a cidade representou expectativas e possibilidades de ganhos na urbe. Nelson nasceu aqui em General Salgado, trabalhou desde muito cedo nas lavouras de algodão e em outras culturas no campo. Este trabalhador foi meu vizinho durante alguns anos na Cohab Orlando Gabriel, bairro da cidade.

Uma peculiaridade interessante nesse diálogo foi que sua esposa Marlene Nogueira Lopes, 34 anos, mãe da Camila e do Guilherme procurou a todo o momento participar da entrevista. Ela sabia que o interesse da pesquisa era discutir com seu marido os modos de vida dos cortadores-de-cana na cidade, mas Marlene buscou desde o começo da entrevista sua inserção neste diálogo, reconhecendo sua representatividade como trabalhadora deste processo na cidade, assumindo atitudes positivas no âmbito social e efetivando em suas falas as relações sociais em torno do trabalho e da família.

Na interlocução da entrevista, feita com os trabalhadores Nelson e sua esposa Marlene, ambos oferecem um terreno rico para apreendermos os padrões sociais e as transformações que a cidade e o campo se submeteu desde meados década de 1980 e 1990.

***Eber:** sempre trabalhou aqui Nelson? Eu vim pra trabalhar por dia né, fazer bico, mas foi ficando ruim, né foi acabando o café, antes era eu lavrador, carpia algodão né, ai foi plantando cana né. [...]Tem 17 anos, desde 91, sempre trabalhei na mesma Usina.*

***Marlene:** É mais ou menos isso Nelson eu vim pra cá, quando a Camila nasceu eu já morava aqui em Salgado, faz uns 18 anos que eu moro aqui em Salgado, mas antes eu morava no sitio, que a Camila já tem 17 anos ai nós mudou pra cá, logo eu ganhei a Camila, já tem 18 anos mais ou menos. [...] só que eu nunca cortei cana, só na bituca, tem oito anos né, mas eu sempre ajudei meu pai, no café, nós tocava na roça, sempre ajudei ele [...]os fazendeiros foi acabando o café por causa da cana. Nós mesmo, nós morava numa fazenda lá, e era assim por exemplo umas seis, sete família, tudo por causa da [inaudível], ai depois rancou o café e foi plantando cana, cana, cana como o serviço é que nem do fazendeiro, então eles arrenda né, a Usina arrenda aquela terra, então receber nada do fazendeiro gente não podia porque não tava trabalhando, então nós veio embora né, procurar outra coisa pra fazer. **Eber:** vieram procurar outra coisa pra fazer? Que nem nós mesmo que meu pai tinha quatro menina mulher era difícil, porque era só nois né, então se nós trabalhasse tinha dinheiro senão, não. Meu pai era meio doente também, mas ele*

*dava conta de trabalhar, café essas coisa ele dava conta, mas uma pessoa doente aqui em Salgado, Salgado não qualquer cidade pra pegar serviço é difícil né! ai eu fiquei eu a Silvana ficamos como doméstica na cidade e a minha irmã a Vandinha foi direto pra Aralco, mas eu não queria ir pra Aralco. Eu não porque eu tava grávida da Camila eu não podia trabalhar, mas ai eu trabalhava de empregada. Sempre trabalhei, mas prefiro roça hoje, do que doméstica aqui em salgado, eu prefiro, porque doméstica você pensando bem os horário de serviço é igual uma diária no sol, a diferença é só a sombra, aqui na cidade, o salário é menos, só que chegar tarde por chegar tarde, a gente opta pelo serviço que ganha mais né.*

Nelson trabalha a aproximadamente dezessete anos na Usina Generalco como trabalhador cortador-de-cana, mas já trabalhou nas lavouras de café e algodão na região, atribuindo o saber-fazer em outras culturas e formas de trabalho. Segundo o entrevistado veio para a cidade pra fazer bicos, trabalhar como diarista “*servente de pedreiro, capinar*”, mas a plantação da monocultura da cana foi se expandido na região e se consolidando na cidade.

Os significados históricos e culturais dessas experiências, geradas na interlocução entre Eu, Nelson e Marlene se cruzam e assumem diferentes conotações históricas numa circunstância específica e diferente no trabalho das falas. Na busca de mostrar sua potencialidade na história e na memória, Marlene que trabalha como bituqueira na roça (trabalhadoras que recolhem as bitucas, ou pedaços da cana que ficam para trás, posto que as garras das máquinas não peguem os pequenos pedaços, deixados para trás) busca ser reconhecida nesse processo de trabalho ao salientar *que nunca cortei cana, mas sempre...* O “sempre” indica o posicionamento da trabalhadora frente a esse processo de transformação no campo e na cidade, imbricado aos seus modos de viver e de trabalhar.

A trabalhadora vai tecendo em suas narrativas observações sobre os transtornos vividos ao deslocar para a cidade na década 1990, com seu pai doente e grávida da primeira filha trabalhou como doméstica no começo de sua vida na cidade. A vida difícil no campo, o trabalho duro e pesado, as dificuldades de manter a família contribui, e muito, para se vislumbrar a cidade como aquela que poderia preencher as lacunas provocadas pela ausência de outras oportunidades de trabalho. Marlene que já teve ensejos de trabalhar como doméstica na cidade, diz preferir o trabalho na roça, o salário é menor, *só que chegar tarde por chegar tarde*, a trabalhadora *opta pelo serviço que ganha mais*.

Ainda, segundo Marlene

*[...] que não tem mais serviço né, não tem serviço mais, que o corte de cana, já não tem outro serviço de roça, Eber: de roça, não tem ? Marlene: não, só a cana, só cana, não tem um café, não tem um algodão mais, só cana. A única coisa que tirando a cana que tem é a laranja, mas é pouco, é muito pouco, agora a cana, safra de cana aqui é em primeiro lugar né, Araçatuba, de Rio Preto pra cá, também já tem várias Usinas. Tem mais uma ou duas que inaugurou esse ano né, tem mais uma ou duas pra inaugura, daqui uns dois anos. Então opção de serviço sobre cana tem bastante.*

Em suas memórias Marlene vai pautando as constantes mudanças no curso de sua vida nos modos de viver e trabalhar ao qual em outras dimensões mais amplas é possível visualizarmos essas intersecções apontadas nas transformações que a cidade de General Salgado vem sofrendo desde a implantação da Usina na cidade.

Outra entrevista representativa foi feita com o trabalhador Adão Francisco dos Santos, 36 anos, natural de Luiu na Bahia, é conhecido entre os amigos da roça e no bairro como Chicão. Em sua narrativa o trabalhador enuncia suas relações sociais vividas na Bahia, pronunciando suas experiências em diferentes postos de trabalho e as passagens por vários lugares e cidades. Em suas falas Chicão elucida os motivos que o levaram a deslocar por outras cidades até chegar aqui em General Salgado.

***Eber: e você é de qual lugar na Bahia?** Sou de um lugar chamado Luiu, sempre fui de lá, **Eber: Me fala sobre o trabalho que você fazia lá?** Lá era Lavoura, carpi algodão assim, o que tivesse serviço. La chegava e falava quer trabalhar vamo, mas e como é por dia, empreita, nós trabalhava mais com negócio de empreita, empreitada lá. [...] nós pega o serviço, o gato pega o serviço, ai nós pega já na mão do gato. Mas só que os gatos pega o serviço, nas mãos do ó, já tem um empreiteiro lá que já pega na mão do fazendeiro, o gato já vai já pega na mão do gerente, quem tá no inferno somos nós e no fim não sobra nada, tudo na mão do empreiteiro. [...] A gente vem aqui mesmo pra arrumar um dinheiro por causa do acerto porque o dinheiro que a gente ganha aqui mesmo, aqui fica, a gente vai mesmo por causa do acerto se não fosse o acerto, já vinha e tinha que ficar mesmo, como é que ia. [...] Fui pro mato grosso, e a primeira vez que eu fui naquele Mato Grosso dava vontade de chorar, eu pensava que não ia voltar na Bahia mais nunca, falei já era Bahia ó, thau, Adeus mamãe, não vê eu mais nunca, lugar feio, la sofri demais a primeira vez. Um lugar chamado, esqueci, era um lugar danado ficava no meio do mato, ficava na roça do meio do mato la moço, **Eber: O lugar era feio porque?** É ficava no meio do mato lá o alojamento, não vinha na cidade não, só tinha um orelhão lá, pra ligar um dia de domingo, pra ligar lá, mais de 500 peão no pé do orelhão e como é que ligava? **Eber: você ficou quanto tempo nesse lugar?** Dois mês, dois meses, graças a Deus fizeram uma greve lá e falaram some, some e falei graças a Deus. **Eber: O que levou vocês fazerem a greve lá?** Por que ganhava pouco demais, a gente trabalhava até com frio, ai de lá pra cá fui atrás de café em Minas, fui ai onde ele falou em Tupassiguara mexer com capim, quatro anos, baqueara, de la pra cá não parei mais não, ai pra Salgado trabalhei em 2002 e vim agora, o ano passado eu tava em São Francisco, perto de Fernandópolis **Eber: Jales?** Isso o ano passado trabalhei lá, fiquei lá oito meses e quinze dias.*

Nesse sentido, a narrativa de Chicão dá-nos dimensão dos modos como os trabalhadores reestruturam, à sua maneira, as relações vividas, contando com a família, os amigos e os laços de solidariedade que o ajudaram a se mudar e a permanecer no lugar. As mudanças que o trabalhador fez em busca de serviço foi acompanhado por outros colegas trabalhadores de sua terra natal por várias cidades e estados do país. Dá Bahia para Minas Gerais, Mato Grosso e São Paulo o trabalhador vai enunciando sua trajetória e trazendo marcas que vão constituindo a sua experiência e a sua cultura, como a participação numa

greve, as dificuldades e sofrimentos que passou para sobreviver em outras cidades e trabalhos árduos ao qual chegou a pensar num certo momento de sua vida que “*não ia voltar na Bahia mais nunca.*”

Compreendendo que o trabalho da consciência se faz numa articulação entre o passado e o presente, ao narrar sobre a lida na roça, nas lavouras de algodão e no trabalho com empreitas na Bahia, Chicão busca trazer á tona o processo de exploração e de cerceamentos que estes trabalhadores vivem em seu cotidiano. Observa-se na força do diálogo deste trabalhador com o corpo de situações que enfrentou no trabalho com os gatos, as empreiteiras, os fazendeiros, demonstrando que no interior dos processos e mecanismos de dominação, a luta de classes vai se forjando e hora os trabalhadores resistem, hora se submetem, negociam, mas Chicão tem consciência política sobre os processos e hierarquias que estava sendo submetido, pois, *quem tá no inferno somos nós e no fim não sobra nada.*

O viver desses sujeitos, nos espaços para onde se deslocam, passa a ser permeado de tensões, embates e exploração, sem que, nesse ambiente, leituras de mundo e ensaios de resistências deixem de ser delineados (INÁCIO, 2008). Isso significa que as pessoas se movimentam em sociedade, dando uma lógica distinta a ela, no interior dos processos de dominação que vão se forjando na disputa.

No interior da organização capitalista, a conduta voltada para a expansão dos negócios e obtenção de lucros tem “desestruturado” as relações de trabalho na medida em que o capital investe em determinadas regiões – principalmente as regiões localizadas ao Sul do país – “mantendo” outras como fornecedoras de força de trabalho (PÓVOA NETO, 1994:20-22) disponível para a exploração capitalista.

A trajetória de itinerâncias em busca de trabalho encadeou no centro da argumentação os motivos que levou Chicão a se desdobrar/deslocar por várias cidades do Brasil, e agora em General Salgado o trabalhador cortador-de-cana compõe em sua narrativa o “sentido político” (LAVERDI, 2006) de ser trabalhador e lutar para garantir sua sobrevivência.

*Eber: cada ano vocês vão para uma cidade? Caçar mióra, tem que correr atrás pra caçar mióra, nós trabalha aqui esse ano, se o ano que vem, chegar uma pessoa e me falar ó; eu trabalhei em tal Usina é melhor lá onde vocês tava, eu já vou para aquela Usina correndo, caçando mióra, arrumar jeito de sobreviver por que senão, acorda cedo, a lagartixa vai de baixo da canela da gente, ta de brincadeira? (risadas).*

A experiência desse trabalhador é constituída na itinerância de regiões, práticas de trabalho, de ganhos, e acena para a necessidade constante de reorganização de sua vida.



Reorganização que tangenciam importantes táticas do trabalhador em suas labutas diárias pelo sustento. Questões que num processo maior evidencia vestígios do cotidiano de homens e mulheres comuns que adquirem um ofício em constante processo de deslocamento entre o campo e a cidade no permanente redimensionamento de suas vidas.

Procurando melhorar de vida em seu cotidiano, os trabalhadores lutam e organizam na resolução do dia-a-dia muitos problemas, tais como: sobrevivência, trabalho, saúde e outros. “Caçar mióra” “correr atrás”, “arrumar jeito”, “sobreviver” são as palavras que expressam os sentidos e significados que Chicão atribui à noção migrar/deslocar por diferentes cidades, tendo como horizontes e possibilidades, a perspectiva de um futuro melhor pra se viver.

A reestruturação do processo produtivo no complexo agroindustrial vem se consolidando com a modernização de equipamentos, a implantação de máquinas no setor, questões essas que levam os trabalhadores cortadores-de-cana a refletirem sobre suas condições de trabalho e perspectivas de futuro frente a esses processos. Segundo o trabalhador Sido;

*É que nem eu falo as vezes hoje um fica bravo, as vez irritado por causa disso, mas amanhã, mas amanhã, amanhã é outro dia, amanhã acontece que pega uma cana melhor, um precinho melhor, então a pessoa trabalha ganhando um pouquinho a mais e esquece daquilo de hoje, esquece daquilo que ele falou hoje, porque ele ganhou um pouquinho a mais, começa aquela alegria de novo, e ai vai tocando e ai vai tocando o barco pra frente é desse jeito. Então esquece, às vezes ficou irritado hoje, porque às vezes o serviço era pesado e ganhou pouquinho, mas talvez amanhã ganha um pouco a mais, então pra você vê como o sujeito fica alegre. Pra mim pelo menos, porque é que sei fazer, é o que eu sei fazer e o que eu ganho mais ou menos é nisso aqui no corte. Então pra mim as máquinas ta chegando ai (pausa) pra mim não é bom por causa que eu não sei ate quando eu vou cortar cana se é daqui um ano dois ano, não sei, mas e um pessoal que as vez não tem estudo não tem condições de fazer alguma coisa então vai tirar o serviço deles, o trabalho deles, porque a maquina chegando elas corta mesmo não tem boca. Chegando não! Já ta ai!*

As experiências destes trabalhadores vislumbram um universo de disputas e táticas, modos de viver, de trabalhar, de se organizar frente essas novas demandas de mudanças no trabalho. Assim, estes trabalhadores vão enfrentando as dificuldades em seu cotidiano, numa construção itinerante, que toma feições diferentes a cada novo espaço ocupado, as atividades que transforma ou incorpora. Desse modo, procuramos não apenas ver esses trabalhadores cortadores-de-cana entre o campo e a cidade, mas entendê-los como parte constitutiva desse processo, firmando presença e disputando lugares.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

INACIO, Juliana Lemes. A gente tem que ficar onde tem serviço: memórias e experiências de trabalhadores do distrito de Tapuirama, Uberlândia/MG. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

LAVERDI, Robson. Sentidos políticos de ser pescador no Lago de Itaipu. In: Maciel, Laura A. Et AL. (orgs) Outras histórias, memórias e linguagens. São Paulo: Olho d'água, 2006.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: A cultura e o sujeito na história. In: Muitas memórias, Outras Histórias. São Paulo: Editora Olho D'Água, 2004.

\_\_\_\_\_. Narrativas Orais na Investigação da História Social. Projeto História - História e Oralidade, n.22. São Paulo: EDUC, 2001, p.98

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história Oral. In: Revista Projeto História 15: Ética e História Oral. São Paulo: EDUC, 1997.

PÓVOA NETO, Helion. A produção de um estigma: nordeste e nordestinos no Brasil. Travessia - Revista do Migrante. São Paulo, CEM (Centro de Estudos Migratórios), ano VII, n. 19, p. 20-22, mai./ago. 1994.